

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃES».

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1944 | Número: 54

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Conferência. Do «Notícias de Guimarães». *Revista de Guimarães*, 54 (1-2) Jan.-Jun. 1944, p. 65-67.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferência

*Sobre a conferência realizada no dia 1 de Março pelo Ilustre Poeta Teixeira de Pascoais, subordinada ao tema — **Considerações do poeta sobre a sua poesia** —, transcrevemos com a devida vénia as impressões da imprensa local.*

Do «Notícias de Guimarães»:

Noite de 1 de Março. Vai honrar Guimarães com visitá-la e a sala de conferências da ilustre Sociedade, o maior monumento cultural do nosso tempo em nossa terra, com a honra da sua presença e o sonho espiritual da sua palavra, um Mago singular, em cujo estranho coração de Sonhador, daquele Sonho indefinido e eterno, se digladiam e conjugam, em ásperas jornadas de Luz e Tormenta, o Poeta, o sentimento emotivo e activo, e o Filósofo, a amarga tristeza das Coisas e dos Homens, na ânsia de Infinito, e em elocução de perturbante ironia.

O salão está aberto, acesas as luzes, aguçada a curiosidade, inquietos os nervos — e algumas pessoas assistem. Jamais se contou a assembleia pelo número e nunca prevaleceu êste contra a selecção. Para ouvir é condição primeira saber ouvir, e para saber ouvir indispensavelmente requisito primário também, e consequentemente, a presença e o traço, a figura e o nome, o poder saber ouvir. Repugna à nossa pena de jornalista dizer: «a assistência era numerosa e selecta». A assistência era presente (passe o dislate — apropriado, aliás) e honrou-se a si própria, com penitência dos indiferentes, dos comodistas, dos milhentos críticos de água-doce, e dos... vegetantes. Sim, por que tra-

zer a Guimarães um homem como Teixeira de Pascoais obrigava essa Guimarães adormecida, entorpecida, vegetativa, de espírito fusco ou mordaz, a cumprir a sua tradição — ai! o Passado! — de tradicionalmente culta. Mais vale um lindo ramo de flores, flores em perfume e graça, do que um montão de flores, sobrepostas, murchas, marelidas, arrumadas. E os nossos homens de valor e de espírito andam, pobrezinhos, muito ocupados, em diligências de outro vulto. Pode ser amargo, e é indiscreto ao jornalista, dizer assim, mas é preciso dizê-lo — até em defesa dos principais culpados.

O Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, Dr. Augusto de Castro Ferreira da Cunha, vingou-se admiravelmente de uma situação difícil e melindrosa ao dizer em breves, precisos e reflectidos termos, o agradecimento da ilustre e douta Instituição, e ao passar em síntese a obra admirável do Poeta e do Escritor, em expressões muito felizes e com um simpático e por isso mesmo muito feliz, sentido das proporções.

Logo nos cativou a todos — a todos nós que tínhamos ido para ouvir — a apresentação natural, a singularidade, o à-vontade, do conferente, sobre cuja fronte escampada e modesta, irradiava, como diadema, a luz do sonho e do talento.

Correram, não, passaram em nuvem, ora densa de considerações profundas, que o sentido do poeta e a ironia do filósofo, logo esgarçava e impelia, esboroadas ao luar, ora trevejante de sentido profético, como as trovoadas que do alto das serras descem ao vale como repercussões do infinito, ora peneirada em moínha lenta de amargura, aquele chuvisco que dá a lama do Chiado e sujava os vestidos como, hoje, as pinturas da beleza, sujam as caras das belas, e as enfeiam, ora desfolhada em arco-íris de apreciações contensas, profundamente sentidas e vividas, em que ela, a nuvem carrancuda de inverno, chove em cravos de primavera, em rosas de outono, e nas delicadas e adoráveis flores do inverno e da velhice. A voz, quebrada, lenta, que não é voz, mas o falar do homem consigo mesmo, ia-nos levando, com a rara espontaneidade do seu modo de sentir, do seu modo de viver, do seu modo de ser Poeta, do seu modo de ser Filósofo afi-

nal, do que é o seu Sonho e do que estrutura a sua Arte.

E' muito vulgar a figura, presente e real, do homem, desmentir ou negar o escritor, ou seja o homem tal como o desenháramos através dos seus livros. Com Teixeira de Pascoais não acontece asssim. O homem confirma o escritor, e o coração afirma o poeta; a vida solidariza-se com o filósofo.

A sua humanidade é amassada, argilada em natureza — a da montanha, a do vale, a da criança. E' a argila. A argila, o barro, da paisagem e do homem simples. Mas êsse barro tôsko, informe, que não é a lama do Chiado, nem o batão dos lábios, nem a oratória, nem a prosápia aristocral dos eminentes literatos, foi tocada, aquecida, calcinada por uma sêde e com a luz do Infinito. Esse Infinito é Sonho, que, para o ser, continua a sonhar. Alguém ouviu, como os namorados, chorar estrêlas: êste Poeta ouviu chorar estrêlas no coração dessa criancinha tuberculosa que passava na aldeia, entre lôbos, os olhos da vida, os olhos do homem, e do lôbo, e da morte.

Há um modo de ser na obra de Teixeira de Pascoais que impressiona profundamente. Não queremos falar da sua intensa compreensão do génio lusíada — afirmado em tantas das suas obras —, e da poesia saúdosa e lusíada, nem da sua forma de encarar o espírito religioso nas suas relações com o homem e a natureza, ou, até, em sentido moral e social. E' o da sua construção verbal, do ritmo da sua prosa e da ondulação do seu pensamento. Por vezes é o relampejar das asas da águia sulcando os altos céus; mas, logo, ou o canto da cotovia e o murmúrio do arroio. Bate às portas do infinito e só o silêncio responde; bate com um bordão de peregrino em tôsko rochedo — e saltam faíscas.

Aquêles breves minutos passaram breve. Nêles vivemos longamente, intensamente, uma vida profunda. Uma vida espiritual de Sonhador, de Poeta e de Filósofo.

Que magnífica lição aos homens!

EDUARDO D'ALMEIDA.